

Uma obra entre o reacionarismo e o conservadorismo: o pensamento de Olavo de Carvalho

Jorge Chaloub

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ /UFJF

<https://orcid.org/0000-0002-7990-4496>

Resumo: O presente texto pretende contribuir para o debate sobre a atualidade do pensamento conservador e suas expressões no Brasil a partir da análise da obra do mais influente intelectual da ultradireita brasileira na última década: Olavo de Carvalho. A escolha do autor se deve a sua particular relação com o conservadorismo. Ao mesmo tempo que cultiva ideias mais afinadas com o reacionarismo, distantes das versões mais correntes do ideário conservador moderno e brasileiro, Carvalho é fortemente influenciado pelo conservadorismo norte-americano e construiu sua obra em meio ao convívio com intelectuais como Antonio Paim e Paulo Mercadante, lideranças de perfil semelhante no Brasil. Olavo de Carvalho surge, portanto, como um caminho para refletir sobre os limites e características do conservadorismo, do reacionarismo e da própria ultradireita brasileira.

Palavras-chave: Conservadorismo; Reacionarismo; Ultradireita; Direitas; Olavo de Carvalho.

Abstract: This article aims to evaluate the current state of conservative thought and its expressions in Brazil through the analysis of the work of the most influential intellectual of the Brazilian ultra-right in the last decade: Olavo de Carvalho. The choice of the author is due to his particular relationship with conservatism. At the same time that he cultivates ideas that are more in tune with reactionarism, far from the most current versions of modern and Brazilian conservative ideals, Carvalho is strongly influenced by American conservatism and built his work amidst the interaction with intellectuals like Antonio Paim and Paulo Mercadante, leaders with a similar profile in Brazil. Olavo de Carvalho appears, therefore, as a way to reflect on the limits and characteristics of conservatism, reactionarism and the Brazilian ultra-right itself.

Keywords: Conservatism; Reactionarism; Ultra-right; Right-Wing ideologies; Olavo de Carvalho.



Introdução^{1 2}

Liberal na economia e conservador nos costumes. Esta frase não apenas se tornou uma identidade pública, presente em perfis de redes sociais e textos na imprensa, como foi assumida como ponto central de várias análises sobre a ultradireita brasileira (ROCHA, 2020; CESARINO, 2019; KALIL, 2011; CHALOUN, PERLATTO, 2016). A fórmula sugere que a composição entre liberalismo e conservadorismo produziria uma ruptura parcial das duas ideologias com seus passados, o que indicaria o uso do prefixo neo para melhor designá-las. A “nova direita” seria, deste modo, neoliberal e neoconservadora.

O mote revela elementos importantes de lideranças e intelectuais da ultradireita contemporânea, mas incorre em ao menos um problema: a insuficiente delimitação dos conceitos de liberalismo e conservadorismo utilizados pelas pesquisas. Não se trata de preciosismo ou da reivindicação de um sentido único para ideologias tão diversas, mas de uma preocupação relevante não apenas para distinguir a ultradireita da direita tradicional, como para refletir sobre a heterogeneidade da própria coalizão organizada em torno de Jair Bolsonaro. No caso do conservadorismo, há ainda que se lidar com um sentido vago e corrente do conceito, muito próximo de sua definição norte-americana³, que por vezes o define como sinônimo de direita.

O presente texto pretende contribuir para o debate sobre a atualidade do pensamento conservador e suas expressões no Brasil a partir da análise da obra do mais influente intelectual da ultradireita brasileira na última década: Olavo de Carvalho. A escolha do autor não se deve apenas ao seu papel dentro do campo, mas também decorre da sua relação singular com o conservadorismo. Ao mesmo tempo que cultivava ideias mais afinadas com o reacionarismo, distantes das versões mais correntes do ideário conservador moderno e brasileiro, Carvalho é fortemente influenciado pelo conservadorismo norte-americano e construiu sua obra em meio ao convívio com intelectuais como Antonio Paim e Paulo Mercadante, lideranças de perfil semelhante no Brasil. As obras de Olavo de Carvalho surgem, portanto, como um caminho para refletir sobre os limites e características do conservadorismo, do reacionarismo e da própria ultradireita brasileira.

Nota sobre o conservadorismo e o Brasil

O conservadorismo é um conceito de difícil definição, em parte por se construir na fluida fronteira entre o discurso público e o hábito privado, em parte por sua significativa mudança em distintos cenários sócio-históricos. Na ampla bibliografia disposta a delineá-lo, há, contudo, alguns traços gerais (MANNHEIM, 1959; NISBET, 2001; FREEDEN, 2011; HIRSCHMAN, 2019; ROBIN, 2018; SHORTEN, 2022). De modos distintos, todos apontam a centralidade de conceitos como ordem, história e tradição, assim como definem o conservadorismo como uma ideologia moderna, formulada na passagem do século XVIII para o XIX, fortemente marcada pela experiência da Revolução Francesa e construída a partir da reação a certos aspectos da modernidade.

¹ Este estudo foi financiado pela FAPERJ – Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, Processos SEI E-26/201.445/2022, SEI E-26/024.601/2022 e SEI E-26/203.966/2021, referentes a bolsa Jovem Cientista do Nosso Estado e aos editais de iniciação científica dos anos de 2021 e 2022, e pelo edital universal do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico de 2018.

² Gostaria agradecer à leitura atenta e às ótimas sugestões, que em nada os responsabiliza pelos eventuais deslizes do trabalho, de José Szwako, Vinicius Berlendis de Figueiredo, Ronaldo Tadeu de Souza e Raquel Guilherme de Lima.

³ O clássico livro de Nash (2006) é ainda a referência predominante do debate sobre o conservadorismo na academia norte-americana, definindo-o como composto por três correntes: libertarianismo, tradicionalismo e anticomunismo. Há, nesta definição um tipo de divisão da cena política entre um liberalismo entendido em chave positiva, com forte influência da *new left*, e o conservadorismo que é típica do cenário norte-americano. Sobre este debate, ver PHILLIPS-FEIN (2011); GARCIA (2021).



Tais traços trazem algumas dificuldades quando adaptados a certas características da trajetória histórica brasileira. Se todas as ideologias formuladas em outros contextos demandam mediações, e são recepcionadas a partir dos contextos nos quais são apropriadas, o conservadorismo comporta arestas ainda mais difíceis de serem aparadas. Com bem aponta Bernardo Ricupero (2010), a partir de sugestão de Leopoldo Zea (1976), as dificuldades do ideário conservador na América Latina passam pela “percepção disseminada pela região de que o passado é um obstáculo” (RICUPERO, 2010, p. 76). As marcas coloniais do passado dificultam a decantação de uma tradição e a construção de uma historiografia marcada pela ideia de crise, este um clássico mote conservador, ou mesmo de continuidade.

Algumas características do conservadorismo brasileiro são mais bem compreendidas a partir deste cenário. Uma delas é maior ênfase no protagonismo do Estado, visto como ator capaz de construir uma ordem estável em um país no qual a sociedade civil seria tradicionalmente frágil e dispersa. Presente em vários clássicos do pensamento brasileiro, o argumento sobre a ausência de uma *sociedade civil organizada* é ponto comum de uma vasta e diversa bibliografia sobre o campo (SANTOS, 1979; VIANNA, 1997; SOUZA, 2000; BRANDÃO, 2005; FERREIRA, 2010; LYNCH, 2017).

Outra marca frequente é a centralidade dos conceitos de *ocidente* e *cristandade* (CHALOUB, 2020), forma de conciliar um diagnóstico crítico sobre o passado nacional com a tendência conservadora de valorizar as ideias de ordem e tradição. O suposto pertencimento a uma ordem maior, construída a partir do imaginário de uma longa civilização cristã, permite que se critique a história e a sociedade brasileiras em nome do pertencimento a algo mais profundo e estável. Surge, assim, um nacionalismo de corte conservador, que concilia um discurso de soberania nacional com a defesa de uma política externa subserviente a certos interesses externos.

Por fim, o conservadorismo brasileiro defende de forma mais frequente que seus congêneres norte-atlânticos a ideia de golpe, definido como uma ruptura liderada por uma elite política ou social com fins explicitamente antidemocráticos, e a implantação de regimes de feição autoritária. O diagnóstico de descompasso entre realidade e ideais políticos se mostra frequentemente mais acentuado que em outras latitudes, o que induz à defesa de soluções de exceção, momento no qual o conservadorismo se aproxima de outra tradição do pensamento político, o reacionarismo.

As distinções entre conservadorismo e reacionarismo são objeto de longo debate. Alguns autores, como Richard Shorten (2015, 2022) e Mark Lilla (2016), buscam distinguir as duas vertentes ideológicas, em perspectiva que as retrata como linhagens autônomas. Outros, como Corey Robinson (2018) e Albert Hirschman (2019), tomam o reacionarismo como um elemento central da própria definição de ideologia conservadora, que teria na retórica da reação um elemento incontornável. O presente artigo se aproxima da primeira perspectiva e estabelece duas distinções analíticas entre conservadores e reacionários: a compreensão da história e as gramáticas políticas mais frequentes⁴.

De acordo com a perspectiva aqui assumida, conservadores não cultivam um conceito de história marcado pela ideia de progresso, já que destacam, por meio de um particular apreço pela ideia de tradição, os vínculos entre o passado e o presente. Esta *visão espacial de história*, nos termos de Mannheim (1959), não sugere, contudo, a simples defesa do retorno a um passado imaginado, mas frequentemente se expressa através do combate a perspectivas progressistas e da defesa de uma ideia gradual de mudança social, que submete o novo ao crivo da tradição. Os reacionários, por sua vez, muitas vezes defendem o recurso à mudança radical como uma forma de reconstruir um passado perdido. Há nessa linguagem política um

⁴ A escolha se justifica pelo objetivo do texto, que pretende refletir sobre as distinções internas ao campo da ultradireita brasileira. Em texto com pretensões distintas, pode ser mais interessante seguir inspiração diversa, que reúna conservadorismo e reacionarismo em uma mesma tradição.



componente voluntarista explícito e uma rejeição mais intensa do presente, que é visto não apenas pela chave da ameaça de decadência, como no conservadorismo, mas muitas vezes acaba representado a partir da ideia de catástrofe.

As distinções não apontam aqui para um critério normativo de definição das ideologias políticas, que por vezes pode caminhar para a ideia de diferenciação entre verdadeiros e falsos conservadorismos. O presente texto toma estas diferenças conceituais como forma de compreender as divergências entre atores tidos por homogêneos e dar conta da diversidade do campo das direitas.

Conservadorismo e reacionarismo são aqui tomados como *linguagens políticas*, ou seja, sequências de argumentos e visões de mundo que ganham sentido a partir da disputa política e, com isso, tanto justificam atos pregressos quanto motivam ações futuras. As linguagens não são meros cálculos de ocasião, o que acabaria por limitar as visões de mundo ao presente e por menosprezar o lugar das ideias, mas também não se confundem com estruturas intelectuais completamente autônomas ante os movimentos da conjuntura. Para compreendê-las, é fundamental atentar para sua dimensão relacional, já que elas se definem a partir do vínculo com outras linguagens e dos seus usos em conjunturas diversas. No caso em análise neste artigo, reacionarismo e conservadorismo tem seus limites mutuamente definidos, de modo que a hipostasia do ideário reacionário no Brasil contemporâneo afeta as fronteiras, sentidos e definições do que é ser conservador. Por outro lado, os acúmulos intelectuais e históricos representam limites efetivos para a definição das linguagens políticos. A longa tradição do conservadorismo brasileiro não é, portanto, um detalhe, mas atua, mesmo que por mediações, sobre os que pretendem reivindicar o ideário em 2022. Por fim, é necessário apontar que linguagens não se confundem com atores, por mais que sejam, ao longo do tempo, definidas de forma diversa por seus usos e por quem as utiliza.

No caso do conservadorismo brasileiro, para o qual olharemos a partir da figura de Olavo de Carvalho, a intenção é expor certa promiscuidade entre suas expressões e alguns elementos tipicamente relacionados ao reacionarismo, dada a fluidez entre suas fronteiras. Sem idealizar as expressões de tais ideologias na Europa ou nos Estados Unidos, o presente texto reflete sobre a particular relação entre conservadorismo e reacionarismo no Brasil.

O olhar crítico ao passado nacional leva os conservadores a flertarem com mais frequência do que em outras latitudes com soluções de exceção, o que aproxima a linguagem conservadora de conjugações reacionárias. Sem uma tradição decantada a ser mantida, os conservadores muitas vezes deixam de lado seu pretensão realismo, por eles reivindicado, em busca de uma dimensão utópica mais próxima às formulações reacionárias. Seria o conservadorismo brasileiro, então, indistinto do reacionarismo? Não. Há, contudo, uma zona fronteira, ou de eventual sobreposição, entre as linguagens conservadora e reacionária, a qual é fundamental para compreender seus contornos. Dito de outro modo, as representações comuns do passado brasileiro atraem as formulações conservadoras para um centro de gravidade reacionário, em movimento responsável por construir indistinções e ambiguidades.

Não creio, todavia, que tal aproximação ocorra de forma semelhante em todas as conjunturas. Uma hipótese interessante, a ser futuramente explorada⁵, é que em momentos de mais intensa luta por democratização, entendida como pressão por redução de desigualdades materiais e simbólicas, há uma forte aproximação entre os tradicionais representantes do conservadorismo e do reacionarismo, assim como um maior intercâmbio entre as respectivas linguagens políticas, como forma de reação a este processo. Nessas conjunturas - presentes em momentos como os primeiros anos da década de 1930, o pré-1964 e o pós-2005 - tanto conservadores recorrem de forma mais frequente a motes reacionários quanto se

⁵ Tal hipótese foi sugerida em BIANCHI, CHALOUB, RANGEL, WOLFF, 2020, mas não explorada de forma sistemática. O presente texto também não será este lugar, já que tal escolha provavelmente prejudicaria o fio argumentativo aqui desenvolvido.



consolida, de forma mais explícita, uma coalização entre os representantes de tais grupos, em movimento que normaliza representantes do reacionarismo, os quais, em outros momentos, tendem a ocupar lugares pouco influentes no debate público.

Olavo de Carvalho não é, portanto, apenas alguém que “leu mal” o conservadorismo, ou um reacionário que por vezes usa um ou outro mote conservador, mas um caminho interessante para a análise de dos contornos do conservadorismo brasileiro e da sua práxis política em momento de crise.

Olavo de Carvalho: influências

Os textos de Carvalho articulam um eclético repertório de ideias das direitas e ultradireitas norte-americanas, europeias e brasileiras. Dentre suas principais influências, podemos destacar três: um variado cardápio de reacionarismos, com destaque para autores como René Guénon e Eric Voegelin, o conservadorismo do Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF), bem como o conservadorismo e o neoconservadorismo norte-americanos.

A principal influência intelectual de Carvalho vem da tradição reacionária. É evidente, por exemplo, sua inspiração tradicionalismo de René Guénon, autor que não apenas inspira a maior parte de suas reflexões sobre a modernidade e a filosofia, mas que também confere sentido à sua trajetória biográfica, fortemente marcada por sua experiência como discípulo do sheik tradicionalista Frithjof Schuon. O autor francês é presença constante nas reflexões do brasileiro desde a década de 1980 e surge como a principal inspiração de seus textos na Revista Planeta, de livros como *Astros e Símbolos* e *Astrologia e Religião*, dentre outras obras.

O tradicionalismo é o repertório mais relevante para o veio reacionário de Olavo de Carvalho⁶ e para sua recusa à modernidade em prol de uma perspectiva teológica que se aproxima de certa concepção mística do mundo. Mesmo outras influências importantes, como Eric Voegelin, parecem lidas pelas lentes de Guénon, que dá o tom do seu antirracionalismo universalista, entusiasta de uma concepção de mundo construída em direta oposição a vários dos elementos da modernidade, como o primado da razão e a lógica dos direitos. A mobilização dos seus seguidores por meio de chamados à violência, a construção de inimigos públicos, o antitelectualismo e o negacionismo⁷ facilmente aproximam as pregações do autor de uma linguagem política fascista, que, aliás, encontrava simpatia em autores do tradicionalismo, como o italiano Julius Evola.

Mesmo com importantes contribuições, o livro de Benjamin Teitelbaun (2019) superdimensiona o papel do tradicionalismo na obra do autor brasileiro, em leitura que reduz excessivamente suas idiossincrasias frente ao movimento e interpreta Carvalho como mais coerente com uma grande teoria, no caso a formulada por Guénon, do que a análise deste artigo sugere. É inegável, por um lado, que tais ideias ocupam lugar central em seu projeto teórico, como inspiração para suas concepções de Ocidente, modernidade, indivíduo e religião. Olavo de Carvalho é, todavia, mais do que um tradicionalista clássico. O ecletismo e o trânsito entre diversas linguagens política são um elemento central do seu pensamento, fundamental para seus contornos teóricos e efeitos públicos.

Olavo de Carvalho foi tradutor de Guénon, mais precisamente do livro *A Metafísica Oriental*, e atribuía ao autor papel central em suas primeiras obras, publicadas ao longo da década de 1980, que tinham na astrologia seu principal interesse. Em texto publicado na Revista Planeta em agosto de 1981, Carvalho contrasta a relevância da obra de Guénon, que “sacudia os alicerces da cultura ocidental, movendo um

⁶ Este aspecto é bem desenvolvido por WINK, 2021

⁷ Sobre o debate em torno do campo do negacionismo, ver SZWAKO, RATTON, 2022.



ataque maciço à ciência e filosofia modernas, em nome da Tradição” (CARVALHO, 1981, p. 1), com seu grande desconhecimento no Brasil, sintoma da “miséria intelectual brasileira” (CARVALHO, 1981, p. 2). Distintamente do horizonte rebaixado do debate nacional, o autor seria figura relevante nos cenários ingleses e francês, nos quais “fecundou com sua influência espiritual, toda uma atmosfera intelectual” (CARVALHO, 1981, p. 1).

Em seu livro *Astrologia e Religião*, de 1986, Carvalho deixa claro que sua definição de metafísica é diretamente inspirado na obra do autor francês e destoa das formulações filosóficas mais frequentes:

O termo “metafísica” não deve ser aqui entendido da maneira comum e corrente tal como a empregam os professores e manuais de filosofia, mas no sentido propriamente tradicional, que tem nas obras de René Guénon, Titus Burckhardt, Frithjof Shuon, Seyyed Hossein Nasr, Ananda K. Coomaraswamy e tantos outros, que teremos “a ocasião de mencionar”. Se a metafísica está relacionada ao conhecimento de princípios absolutos, por isso mesmo ela não pode ser realizada por meios unicamente racionais, uma vez que razão, ratio, significa proporcionalidade e, portanto, relatividade. (CARVALHO, 1986, p. 53-54)

As obras de Carvalho na década de 1990 veem a influência do autor francês conviver com o crescimento da relevância de outro crítico reacionário da modernidade: Eric Voegelin. Todavia, o alemão parece, como já mencionado, surgir mais como repertório adicional a uma já estabelecida narrativa reacionária do que como inspirador de novos caminhos na obra do autor brasileiro. Se as críticas à modernidade a partir da ideia de retorno moderno do gnosticismo, de clara inspiração voegeliana, e um conceito de teoria próximo da definição do autor da *Nova Ciência da Política* (VOEGELIN, 2012; FEDERICI, 2011) são elementos importantes do pensamento de Carvalho, por outro lado, o próprio autor reconhece, em nota de rodapé em seu livro que reivindica como o mais relevante, *Jardim das Aflições*, o contato superficial com a obra de Voegelin: “É mais ou menos a tese de Eric Voegelin, que aqui subscrevo até o ponto em que pude compreendê-la, pois a conheço só por obras menores e não li o trabalho fundamental do autor, *Order and History*.” (CARVALHO, 1998 [1995], p. 183). Em nota à segunda edição do mesmo livro, ele registra que o estudo mais aprofundado da obra do autor não modificou sua interpretação inicial e não exigiu alterações no volume.

A influência de Guénon continuou central no discurso do autor brasileiro até seus últimos dias. Em postagem de Carvalho no Facebook, em novembro de 2015, o autor francês assume, todavia, uma feição distinta, destacando-se como desafio intelectual necessário para a compreensão do mundo do que como destacado intérprete deste. Tal qual uma esfinge, decifrá-lo era o único caminho para que o intelectual não fosse devorado pela obra, cuja superação seria um caminho necessário para a emancipação intelectual. Ele adota tom semelhante em publicação de junho de 2019, em seu Twitter, quando afirma: “O René Guénon foi para mim o mais brilhante e esclarecedor anti-exemplo.” Se há, agora, uma indicação de que é necessário ir além das contribuições do tradicionalista, ele permanece como indício da miséria intelectual brasileira, já que, segundo Carvalho, não haveria “no Brasil cinco pessoas qualificadas para tirar da obra de René Guénon o único proveito que ela pode trazer, que é o de libertar-se dela para sempre.”

O vocabulário tradicionalista diverge de muitos dos elementos mais frequentes do conservadorismo brasileiro e moderno. Não há na tradição protagonizada por Guénon e Evola a simples crítica à modernidade, mas o ataque direto aos seus legados, que devem ser substituídos pela utopia de um passado perdido, a ser reconstruído por meio de uma ação que romperia com diversos elementos da ordem global estabelecida nos últimos séculos. A crítica de uma concepção da história como progresso e a defesa da ideia de tradição, que permitiria moderar as mudanças sociais e submeter o futuro a leituras conservadoras do passado, dá lugar à recusa radical das ideias modernas de razão, indivíduo, classe, dentre outras. Quando não são diretamente negados, estes conceitos surgem reinterpretados a partir de certa ideia de ciências tradicionais, inspirada, no caso de Carvalho, em uma eclética combinação de uma interpretação generalista de Aristóteles, da



escolástica medieval e de um amplo conceito de teologia, que define a religião como uma forma superior de acesso à verdade.

O tradicionalismo, deste modo, pode ser interpretado como uma variante do reacionarismo, o que permite perceber melhor suas particularidades e compreender de modo mais claro sua maior radicalidade. Não se trata de um pensamento marcado pela retórica da ordem presente, mesmo que construída a partir de um passado imaginário, mas sim de uma tradição que, ao contrapor um diagnóstico apocalíptico do contemporâneo à uma utopia perdida de ordem, construída por meio de um passado imaginado, justifica uma postura de ruptura radical perante o presente.

A mais articulada defesa de Carvalho dos principais elementos dessa visão de mundo está no livro *Jardim Das Aflições*. Mesmo de forma fragmentária, já que a obra é organizada como resposta à conferência de José Américo Motta Pessanha no MASP, há nela uma explícita defesa da ordem espiritual como superior ao material, uma interpretação das transformações históricas do cristianismo e uma crítica a diversas facetas do pensamento moderno, definido como composto por uma miríade de tendências anti-espiritualistas, como o racionalismo, o historicismo, o evolucionismo, que negariam a religião e, com isso, destruiriam uma dimensão essencial da verdade, intrinsecamente ligada à transcendência. A partir de leituras, no mínimo heterodoxas, de clássicos da filosofia, Olavo de Carvalho reconstrói uma tradição materialista que se inicia com Epicuro, consolida-se com Voltaire, Kant e Hegel, passa por Marx e deságua em pragmatistas contemporâneos, como Rorty. Sua coerência decorreria do ataque a qualquer espiritualidade e da defesa da autossuficiência do mundo material. O objetivo do próprio autor – que vê como antecessores menos ambiciosos clássicos do pensamento brasileiro, como Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro – é situar o Brasil nessa narrativa mais ampla. Crítico do nacionalismo dominante na cena intelectual nacional, Carvalho vê em elites intelectuais da filosofia e das ciências sociais brasileiras a intenção deliberada de reforçar a tradição materialista, que submeteria a lógica e a epistemologia à retórica e recorreria, de modo frequente e calculado, a procedimentos hipnóticos e à neurociência. O livro assume o tom de desvelamento intelectual e moral desse processo.

Outra influência de Carvalho, o Instituto Brasileiro de Filosofia, de Miguel Reale, Antonio Paim e Paulo Mercadante, destaca-se por sua tentativa de conjugar um conservadorismo de raízes católicas, a defesa do liberalismo econômico e uma retórica militarista, com elogio de soluções de força que envolvessem as Forças Armadas. O projeto intelectual do grupo passava por uma reinterpretação da tradição conservadora, em perspectiva que pretendia tanto “modernizar” o conservadorismo a partir das suas relações com um moderno conceito de liberalismo, quanto reconstruir os elementos mais conservadores da tradição liberal brasileira. Próximos a alguns debates norte-americanos, os autores retomavam fios do passado e buscavam justificar teórica e politicamente a Ditadura Militar brasileira, construindo, por caminhos diversos, uma teoria política para o regime, baseada nos conceitos de *democracia social* (REALE, 1977), *tecnocracia* (PAIM, 1978) e *conciliação* (MERCADANTE, 1965).

Olavo de Carvalho não esconde a profunda admiração pelo projeto intelectual dos líderes do IBF. Em texto sobre Paulo Mercadante⁸, o autor representa o líder do IBF como alguém que, por seu amplo repertório teórico, reflete sobre “questões que escapavam formidavelmente ao horizonte de consciência dos nossos cientistas sociais em geral — limitado por um materialismo e um imediatismo superficial” (2000). Mercadante era representado, assim, de modo semelhante à construção autobiográfica do próprio Olavo de Carvalho: a do outsider erudito, íntegro e sem medo de dizer a verdade, que revela a falsidade de um sistema corrompido. Miguel Reale e Antônio Paim também mereciam elogios em alguns dos seus textos, nos quais os autores figuram como expoentes do pensamento brasileiro. A contraposição, frequente nos

⁸ Publicado como introdução ao livro *A Coerência das Incertezas. Símbolos e Mitos na Fenomenologia Histórica Luso-Brasileira*, editado em 2000 pela É Realizações.



textos de Carvalho, entre o verdadeiro filósofo e o comentador acadêmico de textos, incapaz de formular uma filosofia própria, é diretamente identificada com o projeto institucional das lideranças do IBF, que pretendiam distinguir uma “filosofia brasileira”, tal como a feita por eles, à simples importação de ideias estrangeiras.

Em direção semelhante, Olavo de Carvalho constrói um cânone de clássicos da filosofia brasileira a partir de personagens que teriam sido ignorados pela academia por seu brilhantismo e originalidade, como Vicente Ferreira da Silva, Mário Ferreira dos Santos e os personagens acima mencionados, todos autores que construíram sua carreira longe da Universidade ou a partir de círculos ligados a Faculdades de Direito. Por outro lado, são frequentes, sobretudo nos textos da década de 1990, suas críticas diretas a nomes da UFRJ e da USP, como José Américo Motta Pessanha - grande alvo crítico daquela que Carvalho considera sua principal obra filosófica, *Jardim das Aflições* -, Marilena Chauí e José Arthur Gianotti, autores que, a seu ver, pecam pela suposta ausência de ideias próprias e por uma alegada má qualidade ética.

A inspiração do IBF não se restringe, todavia, à imagem pública do intelectual ou do filósofo, mas também influencia alguns dos principais argumentos de Carvalho. Da centralidade de certo conceito de cultura nacional, em suas interpretações sobre a realidade brasileira, à tentativa de conciliação entre valores conservadores e alguns elementos do liberalismo econômico, sobretudo em seus textos mais preocupados com a conjuntura, são muitos os elementos do Instituto recuperados pelo intelectual público da ultradireita brasileira. Dentre estas convergências, está a postura belicosa ante o marxismo e as esquerdas, que devem não apenas ser refutadas, mas fortemente combatidas como inimigos públicos.

A influência dessa tradição conservadora, ou liberal-conservadora, é particularmente marcada em alguns dos seus livros da década de 1990, como *A Nova Era e a Revolução Cultural* e *O Imbecil Coletivo*, mas persiste até os seus textos mais recentes. Próximo aos líderes do IBF desde seus tempos da UniverCidade, o autor demonstra, por outra via, a longevidade da relação ao indicar para Ministro da Educação do Governo Bolsonaro um protagonista dessa linhagem intelectual: Ricardo Velez Rodrigues⁹.

Alguns, como João Cezar Castro Rocha (2020), atribuem ao pensamento militar parte das formulações de Olavo de Carvalho. De fato, há uma série de argumentos e pontos comuns entre ele e setores importante das Forças Armadas, que inclusive abrigam autores francamente olavistas, como o general Sérgio Coutinho (2002)¹⁰. Boa parte desses argumentos, entretanto, foram construídos por intelectuais civis de direita com amplo trânsito nas Forças Armadas, a exemplo das lideranças do IBF. Tal processo ocorre tanto pela atuação de civis em instituições como a Escola Superior de Guerra (ESG), como por meio da recepção de parte da tradição conservadora e reacionária brasileira pelos círculos militares, a qual, deve-se ressaltar, se dá nos termos da linguagem corrente das Forças Armadas.

A terceira grande influência de Olavo de Carvalho vem do conservadorismo e do neoconservadorismo norte-americanos, presentes por meio de argumentos políticos e uma fonte de inspiração para sua persona como intelectual público. Desse repertório, ele retira todo um vocabulário político das *culture wars*, no sentido definido por James Hunter (1991), e diversos argumentos de grande popularidade no debate intelectual norte-americano. Conservadores, como William Buckley, inspiram seu estilo de polemista e parte do seu repertório anticomunista, ao passo que neoconservadores, como Irving Kristol, embasam

⁹ Ricardo Velez Rodriguez foi uma das lideranças da IBF, tendo inscrito vários trabalhos sobre Pensamento Político-Social brasileiro a partir da inspiração da instituição. Também atuou como professor de alguns departamentos de filosofia de universidades brasileiras. Por admirar sua obra, Olavo de Carvalho indicou-o para ser o primeiro ocupante do cargo de ministro da Educação do Governo Jair Bolsonaro.

¹⁰ Coutinho é explicitamente elogiado por Carvalho em artigo publicado no Diário do Comércio em 2012, disponível em <https://olavodecarvalho.org/recordacoes-inuteis/>



seu diagnóstico crítico acerca de uma *nova esquerda*, que teria abandonado a ideia de revolução em prol de uma luta menos explícita, mas para ele até mais perniciosa, concentrada no terreno do simbólico, e sua leitura sobre a inevitável adesão estratégica a certas premissas do liberalismo econômico.

Tal repertório ganha força em suas obras a partir da década de 1990 e se torna central nos textos jornalísticos e conteúdos mais recentes para redes sociais. Trata-se de inspiração muitas vezes não dita, mas claramente percebida pela repetição de argumentos clássicos do conservadorismo americano do pós-guerra (CARVALHO, 2009), que, por vezes, são retomados de forma quase literal. Soa, por exemplo, curiosa a defesa do Senador Joseph McCarthy, representado por Carvalho como vítima e não como o violento inquisidor movido por uma lógica conspirativa anticomunista, presente na maior parte da historiografia.

A inspiração no vocabulário político norte-americano é comum no pensamento político-social brasileiro e constitui um traço distintivo da identidade da direita brasileira no pós- Guerra Fria. De militares, como Golbery Couto e Silva, a economistas, como Roberto Campos, muitos pensam os destinos do Brasil em direta relação com certa representação da cultura e da sociedade norte-americanas (CHALOUB, 2020). Os jornalistas ocupam um lugar privilegiado neste campo. Carlos Lacerda, Paulo Francis, dentre tantos outros, encontravam direta inspiração em polemistas públicos da direita estadunidense, marcados por um tom inflamado e pelo afã de “denunciar” os equívocos de um *establishment* supostamente dominado pela esquerda.

Olavo de Carvalho retoma essa tradição, mas a reforça elementos particulares, pouco evidentes em seus antecessores. Nos livros *A Nova Era e a Revolução Cultural* e *Jardim das Aflições* por exemplo, os Estados Unidos são imaginados ao mesmo tempo como mais alta representação do materialismo e da decadência da dimensão espiritual, enquanto pátria por excelência do progresso e do capitalismo, e como terra da contraofensiva de defesa dos valores da verdade e da religião. O Império americano representa a mais completa vitória do materialismo contra a espiritualidade, mas carrega em seu território as sementes de um movimento de resistência contra a modernidade, o qual pode retomar as virtudes, pré-modernas, das grandes religiões monoteístas.

Já no seu livro-debate com Alexandr Dugin, em claro deslocamento do seu argumento anterior, talvez em razão da ojeriza do seu oponente contra os valores norte-americanos, Carvalho retrata os Estados Unidos como um dos três grupos com alcance mundial, ao lado das comunidades cristãs e da nação judaica, que se encontram subjugados pelas forças hegemônicas do globalismo, composta pelos “militaristas russo-chineses, os oligarcas ocidentais e os apóstolos do Califado Universal” (CARVALHO, DUGIN, 2011, p. 54). Nesta perspectiva, “[os] EUA não são o centro de comando do projeto globalista, mas, ao contrário, sua vítima prioritária, marcada para morrer” (CARVALHO, DUGIN, 2011, p. 54). A narrativa geopolítica do autor confere ao capitalismo contornos cristãos e uma roupagem moralizante (CHALOUB, PERLATTO 2015; CHALOUB, 2020).

A ideia de que Olavo de Carvalho seria “conservador nos costumes e liberal na economia” perde nuances importantes, pois tende a menosprezar a profundidade da sua recusa ao moderno, que o deixa muitas vezes mais próximo do reacionarismo, e o lugar menor do elogio ao liberalismo econômico em seu pensamento. Nas formulações do autor, o capitalismo e as doutrinas a ele simpáticas surgem por vezes como um fato inevitável do mundo contemporâneo, em outros contextos como mais um modo de confrontar as esquerdas, mas nunca são decantados como ideal de sociedade e, em muitos momentos, merecem duras críticas. Em livro publicado em 1998, ele afirma, por exemplo, sobre o liberalismo, o neoliberalismo e o socialismo:

A superioridade das propostas liberais sobre as socialistas no que diz respeito à economia não deve nos levar ao engano de ver no neoliberalismo algo mais do que ele é: uma ideologia, com todas as limitações do pensamento ideológico, inclusive a de superpor as expectativas aos fatos e, de olho nos fins políticos ambicionados, não

enxergar o que se passa diante de todos os narizes humanos na atualidade deprimente da vida cotidiana. Pois, se do ponto de vista econômico o Estado e o mercado são poderes antagônicos e concorrentes, o mesmo não se dá quanto à administração da vida psico-social, onde esses dois gigantes anônimos e impessoais frequentemente se aliam contra todos os liames comunitários e familiares que constituem a última proteção da intimidade humana. Embora uma economia de mercado seja claramente menos opressiva para os cidadãos do que uma economia socialista, a liberdade para o mercado não garante automaticamente liberdade para as consciências. (...) se uma opção econômica se torna o critério predominante se não único a determinar os rumos da vida coletiva, o resultado fatal é que os meios se tornam fins. E o mercado tem um potencial escravizador tão grande e perigoso quanto o do Estado. (CARVALHO, 1998 [1995]. 180-181).

O liberalismo seria melhor que o comunismo do ponto de vista da produção de riqueza e da garantia da liberdade em um curto prazo, mas, no tempo mais longo, pode ter consequências tão nefastas quanto regimes socialistas, por sua incapacidade de dar conta da dimensão da espiritualidade. Inspirado nas formulações de René Guénon (2011, 2013) sobre o simbolismo da cruz, o autor brasileiro vê na modernidade um desprezo pela dimensão transcendente, representada pelo eixo vertical da cruz, a qual se ampara na crença de que apenas a imanência, o eixo horizontal, importaria e teria uma efetiva realidade (CARVALHO, 2000). Tal perspectiva não apenas ignoraria a dimensão mais importante da existência e única fonte de real acesso a verdade, a religião, como conduziria à necessária supressão da liberdade pela crença na autossuficiência do mundo material, mal que não se restringe ao materialismo histórico marxista, mas também aflige outras ideologias modernas, como o liberalismo.

Olavo de Carvalho já afirmou explicitamente o caráter “mais cristão” do capitalismo em comparação ao comunismo (CARVALHO, 2013, p. 199-200) e elogiou diretamente expoentes do liberalismo brasileiro, como Roberto Campos e José Guilherme Merquior, mas sempre circunscreveu essas considerações aos limites da conjuntura política, campo no qual boa parte das suas considerações recorrem ao repertório dos conservadorismos norte-americano e brasileiro. A narrativa mais ampla da sua obra, todavia, se mostra crítica, mesmo que não de um modo simétrico, tanto do capitalismo quanto do comunismo, ou, para retomar às expressões do próprio autor, tanto da *Nova Era*, de Capra, quanto da *Revolução Cultural*, de Gramsci.

O movimento oferece um interessante indício do modo pelo qual Olavo de Carvalho se apropria de topos conservadores: enquadrando-os em uma narrativa que, em última instância, contesta a própria ideia de modernidade. Os argumentos conservadores encontram lugar em uma visão de mundo que, em seus traços mais amplos, é melhor definida como reacionária.

Não é menos relevante, todavia, que parte central da interpretação da sua obra por lideranças da ultradireita brasileira – de influencers a intelectuais, passando por movimentos sociais e políticos – aproxime Carvalho do liberalismo econômico. A leitura diz algo do clima do tempo e das preferências de parte significativa da mídia brasileira, mas também revela traços relevantes do autor.

Entre o reacionarismo e o conservadorismo

“Não sou nem conservador, nem liberal, nem fascista, nem comunista nem porra nenhuma. Odeio “propostas de sociedade”. Odeio todas por igual. Limito-me ao TRABALHO DO NEGATIVO, como o chamava Hegel: análise e crítica, e mais nada” – vocifera Olavo de Carvalho em seu *Twitter*, em dezembro de 2020 (CARVALHO, 2020)¹¹.

Tal como para boa parte da ultradireita contemporânea, a conciliação de ideias contraditórias nunca foi um problema para Carvalho, que recusa explicitamente as ideias de totalidade social e de sistema, todas rapidamente remetidas a explicações puramente materialistas da realidade, que teriam uma necessária afinidade com regimes autoritários, inimigos da verdade e da liberdade. Interpretações heterodoxas de

¹¹ Disponível em <https://twitter.com/opropriolavo/status/1334931139677577216>



Hegel à parte, a citação acima expõe a recusa do autor a qualquer pretensão de coerência amparada em critérios das modernas humanidades. Contra o sistema, Carvalho propõe o conceito de “holon”, conceito mais amplo do todo, que necessariamente liga a dimensão imanente à transcendente: “A unidade de argumentação de *O Jardim das Aflições* (...) mostra assim não ser a unidade cerrada de um sistema, mas a unidade de um holon, como diria Arthur Koestler: algo que, visto de um lado, é um todo em si, e, de outro lado, é parte de um todo mais vasto.” (CARVALHO, 1994).

Os sistemas frequentemente surgem em seus textos através de uma retórica conspiracionista, que atribui a interesses globalmente articulados, por bilionários e intelectuais de esquerda, uma suposta decadência do Ocidente. Eles teriam construído uma aliança intitulada por Carvalho de “Consórcio”, “organização de grandes capitalistas e banqueiros internacionais, empenhados em instaurar uma ditadura mundial socialista” (CARVALHO, DUGIN 2011, p. 48). Os grandes beneficiários e representantes desse ator político seriam, segundo as palavras do autor:

À medida que os controles estatais iam crescendo em número e complexidade, as pequenas empresas não tinham recursos financeiros para atendê-los e acabavam falindo ou sendo vendidas a empresas maiores – cada vez maiores. Resultado: o “socialismo” tornou-se a mera aliança entre o governo e o grande capital, num processo de centralização do poder econômico que favorece a ambos os sócios e não arrisca jamais desembocar na completa estatização dos meios de produção. Os grandes beneficiários dessa situação são, de um lado, as elites intelectuais e políticas de esquerda; de outro, aqueles a quem chamei “metacapitalistas” – capitalistas que enriqueceram de tal modo no regime de liberdade econômica que já não podem continuar se submetendo às flutuações do mercado (CARVALHO, DUGIN, 2011, p. 52)

Os críticos dessa narrativa de parca verossimilhança são rapidamente enquadrados como ingênuos ou cooptados. Os tons exagerados da descrição não impedem, contudo, sua popularização. Dentre as possíveis razões para tal sucesso, está a construção de uma explicação genérica dos problemas da sociedade brasileira, a articulação entre ordem internacional e cenário sócio-político nacional, a identificação de supostos beneficiários desse arranjo em solo brasileiro e a utilização de uma linguagem já popularizada, como a crítica à corrupção e o discurso sobre os eventuais excessos da esquerda.

Os intelectuais são objeto central da obra de Olavo de Carvalho. Em direção contrária a uma bibliografia que diagnosticava o declínio dos mesmos (JACOBY, 1990; BENDER, 1997), o autor descreve um cenário político no qual os intelectuais têm enorme poder de transformação e conformação da realidade. Em raciocínio já presente em seus livros da década de 1990, ele recorre a fontes heterodoxas para relacionar, sem maiores mediações, a centralidade da informação na configuração de poder do mundo contemporâneo - a partir de formulação de Christopher Lasch (CARVALHO 1999 [1996]) - ao predomínio de novas elites intelectuais, que substituiriam a burguesia como classe dominante nas novas configurações do capitalismo. Por outro lado, em retórica de escancarado corte elitista, ele diagnostica no mundo uma decadência das universidades e debates intelectuais devido ao processo de massificação do ensino.

As esquerdas interpretariam bem o cenário de ocaso das velhas formas de debate público e, a partir de uma linguagem gramsciana (1994) que privilegia a hegemonia intelectual às velhas gramáticas revolucionárias, assumiriam a hegemonia do debate público. O cenário, assim, é definido pela convergência entre uma transformação nas formas de dominação capitalista - ápice de uma revolução materialista e anti-espiritualista iniciada com a modernidade - e uma nova estratégia global dos intelectuais de esquerda. O caso brasileiro se mostra, todavia, ainda mais grave. A pobre cultural nacional faz do país uma vítima particularmente frágil do intelectual coletivo.

O cenário acima descrito dá centralidade ao próprio Olavo de Carvalho. Em um mundo no qual os intelectuais de esquerda possuem enorme poder e a hegemonia se constrói a partir da informação, serão os intelectuais da direita os oponentes privilegiados do sistema, únicos capazes de denunciar o que poucos veem.



Richard Shorten (2022, 2015) toma o apelo retórico à conspiração como uma das marcas distintivas da ideologia reacionária ante a conservadora, ao lado da emulação retórica das ideias de *decadência* e *indignação*. A conspiração teria um papel explicativo do contemporâneo, justificando os motivos da miséria do presente, e revelaria o caminho necessário para o retorno ao passado perdido. Dito de outro modo, o conspiracionismo aponta não apenas para um momento pretérito, mas também para um futuro imaginado a partir de tintas de uma utopia regressiva¹². Olavo de Carvalho recorre à esta gramática em formulações de alcances distintos, utilizadas tanto para analisar horizontes da modernidade, quanto para diagnosticar o cenário, para ele catastrófico, da sociedade brasileira.

A visão cíclica do tempo histórico no tradicionalismo (SEDGWICK, 2004; TEITELBAUN, 2020) surge como umas das inspirações para o imaginário reacionário de Olavo de Carvalho. Para autores do movimento, como René Guénon, o mundo moderno se caracterizaria por uma crescente decadência, em breve interrompida pela plena ruína do mundo contemporâneo. A destruição permitiria o surgimento de uma nova *Idade de Ouro*, ápice perdido da história, a partir das ruínas da atual *Idade de Ferro*. A decadência constante reservaria um lugar sempre destacado para o passado e retiraria a centralidade da ação humana na construção do tempo histórico e do mundo social. Retorna-se a um conceito de história definido a partir de uma ideia de transcendência radical.

Em diálogo com as mencionadas reflexões de Shorten, esta ênfase no tempo histórico, e não na mudança social, seria outra marca distintiva da tradição reacionária. Se os conservadores cultivam uma *visão espacial de história* (MANNHEIM, 1959), que lê o presente e o futuro em uma mesma dimensão de um passado imaginado, os reacionários estabelecem aí uma ruptura. O reacionarismo embasa assim sua ação política, que pretende reestabelecer, de forma violenta e guiada por uma ideia de missão divina, o passado no futuro. Neste sentido, os reacionários não estão apenas preocupados em controlar a mudança social a partir da tradição e retratar de forma negativa projetos de reforma social e política (HIRSCHMAN, 2019), mas também em superar uma sociedade supostamente decadente em nome de uma utopia regressiva.

Esta representação do tempo histórico faz com que os reacionários tenham uma relação particularmente conflituosa com o presente, que não apenas é retratado em perspectiva negativa, mas aparece como obstáculo ante a boa sociedade. Não basta, como para os conservadores, reformar a sociedade a partir da tradição; é necessário antes romper com ela, destruí-la radicalmente. A retórica da *indignação* busca, deste modo, conclamar grupos sociais para este ato de ruptura radical com a ordem social (SHORTEN, 2015, 2022).

Olavo de Carvalho tem vários elementos que, de acordo com as distinções propostas, o identificam diretamente ao reacionarismo (SHORTEN, 2015; LILLA, 2016; LYNCH, CASSIMIRO, 2022). Há, no autor, contudo, um elemento conservador que não deve ser menosprezado, pois responde por grande parte do seu sucesso editorial entre as elites políticas e classes médias. Mais do que “conservador nos costumes e liberal na economia”, o autor é reacionário em sua grande narrativa histórica e, simultaneamente, conservador em suas opiniões sobre a pequena política, no sentido gramsciano.

Com todas as imprecisões inerentes a este tipo de síntese, é possível apontar que quando Carvalho produz escritos de cunho “filosófico” – como os que tratam sobre Aristóteles (1996), Maquiavel (2011) e Descartes (2013), ou os que constroem uma interpretação mais ampla da modernidade, caso de *Jardim das Aflições* (1995) – sua retórica é tipicamente reacionária, com clara influência de conhecidas interpretações sobre a decadência inevitável do mundo moderno, como as de Guénon e Voegelin. Entretanto, os textos de conjuntura de Olavo de Carvalho e suas intervenções nas redes sociais, mesmo que não abandonem

¹² Ver, no presente dossiê, Jose Szwako e Matheus Cardoso da Silva (2022), que constroem a partir das interpretações de Georg Orwell uma interessante interpretação sobre o discurso conspiracionista da ultradireita.



a linguagem política reacionária, se inspiram mais diretamente em motes clássicos do conservadorismo brasileiro e do neoconservadorismo norte-americano, seja nos temas, no estilo argumentativo ou no seu tom.

Quando se manifesta sobre gênero e sexualidade, papel do Estado na promoção de políticas sociais, desigualdades sociais, segurança pública e drogas, dentre outros temas centrais da ultradireita contemporânea, é explícita a presença de linguagens políticas do campo do conservadorismo. Algo semelhante ocorre em seus textos sobre a trajetória histórica do Brasil pós-1930.

Parte central dos seus argumentos anticomunistas, sobre a dominação de marxistas em universidades e a penetração de inimigos internos aliados a preceitos comunistas, segue uma linha argumentativa já esboçada por William Buckley Jr, em livros como *God, Man and Yale* (1951). A críticas constantes aos movimentos feminista e antirracista, por outro lado, retomam discursos de críticos neoconservadores à nova esquerda norte-americana, como Irving Kristol e Daniel Patrick Moynihan. Por fim, parte substantiva do seu esforço pontual de conciliar preceitos do liberalismo econômico com valores conservadores ecoa as formulações de lideranças do IBF, como Antonio Paim e Paulo Mercadante, que também influenciam, por outro lado, suas críticas à hegemonia cultural da esquerda.

O sentido da intervenção pública de Olavo de Carvalho nestes temas aponta predominantemente para uma resistência à mudança, por meio de tentativas de expor suas consequências perversas, fúteis ou ameaçadoras (HIRSCHMAN, 2019), em clássico mote conservador. O novo tempo de crise é, por outro lado, frequentemente contraposto a representações históricas de uma tradição recentemente degenerada, bem ao gosto do conservadorismo, e organizada a partir de constantes menções a sua experiência individual, que busca contrastar as existências concretas, marcas da retórica conservadora (MANNHEIM 1959), às utopias supostamente abstratas. Nesses momentos, Carvalho assume a voz do cidadão comum, indignado com a decadência moral da sociedade, como nesta nota de rodapé, publicada em *Jardim das Aflições*:

Embora não seja pai de família, um premiadíssimo escritor gay, no *Jornal do Brasil* de 1996, defende como justa e saudável a prática da pedofilia, de vez que as criancinhas, aos três anos, já têm um tremendo sex appeal e jogos de sedução de fazer inveja a Sharon Stone. Ninguém saltou à goela do declarante, nem o expulsou a pontapés, nem muito menos se lembrou de processá-lo por apologia do crime. São todos pessoas educadas, cultas, de alma delicada e sentimentos estéticos incompatíveis com os instintos violentos. Somente a mim parece ter ocorrido a idéia de que seria difícil resistir ao impulso de abater a tiros, como a um cachorro louco, quem se aproximasse de meus filhos imbuído de semelhante doutrina. (CARVALHO, 1998 [1995], p. 177)

Como já dito, o caráter fragmentário e antissistemático do pensamento de Olavo de Carvalho permite a conciliação entre perspectivas e argumentos divergentes. Tal característica, aliás, foi decisiva para seu papel como protagonista do campo da ultradireita no Brasil. Hábil em mais de uma linguagem política, o autor encantou distintos grupos sociais, sendo popular entre militares e homens do mercado, por exemplo, e encontrou ressonância em conjunturas diversas. Esta plasticidade não é, contudo, marca exclusiva de Carvalho, mas uma das características do campo contemporâneo da ultradireita no Brasil, que se distingue pela fluidez entre linguagens políticas. Olavo de Carvalho, neste sentido, seria um bom exemplo de um fenômeno mais amplo.

Considerações finais

Olavo interpretou bem as mudanças decorrentes das vitórias eleitorais petistas. Crítico da esquerda desde seus livros da década de 1990, suas formulações sempre encontraram respaldo em certas elites e na intelectualidade conservadora, que frequentavam seus cursos e lhe davam espaços em jornais e revistas de grande circulação ou prestígio, como *O Globo*, *Folha de São Paulo* e *Bravo*. Com a chegada do PT à Presidência e o aumento de uma perspectiva fortemente crítica de boa parte da grande imprensa em relação à esquerda, as ideias de Olavo encontraram terreno propício. O autor passou a ser personagem comum



nos círculos de grandes *think tanks* empresariais, como o Instituto Millenium, e aumentou seu trânsito em espaços influentes no debate público. Por outro lado, ele percebeu cedo as possibilidades da internet e viu na rede um caminho para atingir um amplo público. Seja pela criação, já em 2002, do portal Mídia sem Máscara, ou por sua ativa utilização das redes sociais, sua imagem pública passou a ser largamente definida por sua persona virtual.

As redes sociais se mostraram um terreno fértil para sua retórica, que se nutria da construção de oposições constantes, sempre a organizar o debate schmittianamente, como um embate amigo-inimigo. Ao lado do conspiracionismo, o estilo agressivo e desleal, contra adversários e antigos aliados, aumentava a fama de Olavo e reforçava sua capacidade de mobilizar seguidores e detratores, o que, por sua vez, não apenas influía nas discussões mais pontuais, mas definia o próprio modo pelo qual o debate público transcorria. A estratégia de falar notórios absurdos era um modo de ocupar o centro das disputas intelectuais e definir seus limites. Sua habilidade para gravar vídeos palatáveis e criar bordões propícios à comunicação rápida das redes lhe deram, por outro lado, a régua e o compasso para alcançar boa parte dos seus objetivos.

A forma de composição dos seus discursos se adequou bem ao mundo virtual. A articulação constante entre argumentos de corte erudito, frequentemente manejados de forma tosca, e a linguagem cotidiana, com direito ao vasto uso de palavrões, conseguiu cativar muitos que desejavam encontrar um novo repertório intelectual. O uso das referências eruditas reforçava a autoridade intelectual do professor, em processo que não apenas chancelava suas críticas radicais ao mundo como, em mote comum ao pensamento conservador, a ele atribuía um conhecimento privilegiado da realidade.

A construção de um cânone maldito, supostamente ignorado pela intelectualidade dominante, reforçava o personagem do pensador brilhante e criava uma cumplicidade entre alunos e mestre, todos eles membros de um grupo que compartilharia verdades ignoradas, ou ocultadas por todos os outros. O esforço não se limitou à simples citação de alguns intelectuais, mas também incluiu a constante divulgação de seus nomes e o estímulo à publicação, por meio de editoras como a *É Realizações* e a *Vide Editorial*, de autores não traduzidos ou publicados. Fica explícito como o esforço da ultradireita vai além da destruição do debate público ou da negação de qualquer tipo de autoridade intelectual, mas pretende reorganizar e, em última medida, refundar o campo do pensamento. Olavo de Carvalho almejava ser parte de uma longa tradição, que conciliava a retórica de antiguidade às evidências de que era organizada a partir das ideias, valores e preferências intelectuais do autor

Para atrair mais alunos, Olavo de Carvalho prometia um rápido acesso a todo esse vasto continente desconhecido do pensamento. O caminho era tentador para muitos, que com isso podiam se distinguir do seu entorno e acessar uma teoria que explicava, por chaves conspiracionistas, os mais diversos aspectos da realidade. Em tempos de vertiginoso aumento da quantidade de informação e de grande especialização, o autor oferecia uma explicação geral, que articulava a suposta miséria da realidade brasileira a uma grande narrativa que pretendia expor não apenas as verdades ocultas da geopolítica mundial, mas os descaminhos do próprio projeto moderno.

A linguagem repleta de palavrões, por sua vez, reforçava a imagem do pensador destemido para descrever *a vida como ela é* e o fazia próximo dos alunos, enquanto alguém que lhes falava verdades profundas como se estivesse em uma mesa de bar. A construção dessa sensação de intimidade era reforçada pela escolha do primeiro nome, Olavo, como forma mais popular de divulgação da sua imagem e se completava com o ambiente dos vídeos, a casa do próprio professor, onde, entre uma baforada e um trago de bebida, ele emulava um cenário pessoal. O clima se encerrava com o lugar em que seus espectadores consumiam os vídeos, suas casas, nas quais recebiam o professor como mais um ilustre convidado.



A normalização de um discurso fortemente crítico às esquerdas e a ampliação do impacto das redes sociais pavimentaram o caminho para a popularidade de Olavo de Carvalho, que soube ler os caminhos abertos pelos novos tempos e ajudou a consolidá-los. Todavia, por mais que o autor seja uma liderança inegável do campo da ultradireita, não se pode ignorar que ele é parte de um movimento mais amplo. Protagonista em um mundo que ajudou a criar, mas que não passou apenas por seus movimentos, a repercussão das suas obras ganha sentido como parte de um cenário no qual o conservadorismo assumiu lugar hegemônico e a retórica reacionária saiu das franjas do debate público para influir em seu centro, em processo que passou a normalizar o que antes gerava, no mínimo, estranheza à maior parte dos ouvidos.

Conservadorismo e reacionarismo, de formas distintas, surgiam como linguagens hábeis para criticar a ordem política construída após a Ditadura Militar e organizada em torno da Constituição de 1988. Em meio ao estilo intelectual brevemente descrito nos parágrafos acima, Olavo de Carvalho recorria a repertórios diversos com intuítos e objetivos distintos. Enquanto o reacionarismo o elevava ao lugar de profeta de um apocalipse iminente e descobridor de um novo mundo futuro, o conservadorismo ligava seus discursos a uma tradição bem delineada e a aproximava de um programa político de imediata aplicação na política institucional.

Os contornos e formas retóricas, por sua vez, eram pensados de forma a transpor os limites do debate intelectual mais especializado e mobilizar multidões. Carvalho pretendia ser o organizador de formas populares de um conservadorismo supostamente inerente à maior parte da população brasileira, mas marginalizado das instituições políticas: “Privado dos canais normais de atuação, o conservadorismo brasileiro recua para o inconsciente coletivo e tem de se expressar por vias simbólicas, indiretas, analógicas.” (CARVALHO, 2007, s/n).

O intelectual não seria apenas um profeta incompreendido, como revelador de uma verdade escondida no passado e apenas vislumbrada por ele, mas também um missionário, capaz de revelar aspectos da realidade supostamente ocultados pelo poder, dominado, em sua narrativa, pela esquerda hegemônica. Olavo de Carvalho reivindicava concomitantemente os lugares de representante e pedagogo de uma maioria conservadora silenciosa:

a maioria absoluta dos brasileiros, especialmente jovens, é um eleitorado maciçamente conservador desprovido de representação política, de ingresso nos debates intelectuais e de espaço na ‘grande mídia’. É um povo marginalizado, escorraçado da cena pública por aqueles que prometeram abrir-lhe as portas da democracia e da participação (CARVALHO, 2013, p. 244)

Ele construiu, assim, um personagem ambíguo, difícil composição entre o intelectual culto e o “porta-voz do homem do povo”:

Falo aqui como porta-voz do homem do povo, mas é claro que pessoalmente, pela minha condição de escritor e intelectual, tenho mais informações sobre a organização do poder do que o homem das ruas e, quando quero, me faço ouvir — tanto quanto qualquer outro intelectual — pelo poder político. O intelectual, mesmo sem um tostão no bolso, precisa ser muito hipócrita para não se incluir a si mesmo na categoria dos “poderosos”. (CARVALHO, 1998 [1995], 175)

O discurso encontrou seu público em um país de forte crise democrática e erosão de elementos antes quase consensuais do pacto de 1988. Crítico da Constituição, definida por ele como “habermasiana”, desde a década de 1990, ele teve uma oportunidade no clima de ruptura iminente que se iniciou com junho de 2013 e desde então permanece, com algumas variações, hegemônico. As redes sociais foram seu meio privilegiado, mas sua trajetória não seguiria os mesmos rumos sem o auxílio de vínculos com elites intelectuais e políticas. De personagem de cartazes em manifestações pela derrubada da presidenta Dilma Rousseff ao papel de bibliografia decorativa no discurso de vitória de Jair Bolsonaro, foram anos de crescente popularidade e espaço no debate público.



Mesmo tendo exercido inegável influência em setores do governo, Olavo de Carvalho não foi o ideólogo oficial do Governo Bolsonaro ou da coalização de ultradireita à frente do governo. Parte central das suas ideias, bem afinadas com o reacionarismo, divergem dos discursos e interesses da maior parte dos militares, mais próximos do conservadorismo, ou de certas elites econômicas, cultoras de uma linguagem política neoliberal ou mesmo libertária. Não há, contudo, uma direta oposição entre as ideias de Carvalho e tais grupos. É justamente a ambiguidade do seu pensamento, exposto por seu recurso a outras linguagens políticos e pelo seu caráter não sistemático, parte das razões da sua popularidade.

Se por vezes o reacionarismo o leva a defender modelos de ensino estranhos aos militares e libertários, o que justificou os confrontos abertos no Ministério da Educação, em outros campos há uma firme afinidade entre Carvalho e as representações dos militares sobre a sociedade e a história brasileira. Do mesmo modo, ainda que tenha sido um crítico do neoliberalismo como linguagem política, Carvalho frequentemente se alinhou a lideranças libertárias, como Paulo Guedes, por sua crítica à esquerda e desconfiança de um Estado social.

A heterogeneidade da ultradireita contemporânea encontra seus pontos convergentes em dois elementos: na construção de um inimigo comum, vago o suficiente para acomodar interesses diversos, e na capacidade de grupos diversos de conjugar as diversas linguagens políticas do campo. Em graus diferentes, militares flertam com argumentos reacionários, conservadores com premissas libertárias e reacionários com motes neoliberais. Leitor atento da conjuntura, Olavo de Carvalho transitava com naturalidade neste mundo.

A conjunção entre reacionarismo e conservadorismo permitiu que ele desempenhasse concomitantemente, ao lado de grande elenco, os múltiplos papéis de herói intelectual antissistema e divulgador de pílulas de sabedoria política para as massas, mentor intelectual do Palácio do Planalto e porta-voz de um conservadorismo que pretendia ser, para a maior parte dos indivíduos, tão natural quanto inconsciente. Olavo de Carvalho deixa como principal herança sua contribuição para a consolidação da ultradireita no Brasil.

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, Gildo Marçal. 2007. Linhagens do pensamento político brasileiro. São Paulo: Aderaldo & Rothschild.

BUCKLEY JR., WILLIAM F. 1951. God and Man at Yale. Washington: Regnery Publishing.

CARVALHO, Olavo. 1985. Astros e símbolos. São Paulo: Nova Stella.

CARVALHO, Olavo. 1986. Astrologia e religião. São Paulo: Nova Stella.

CARVALHO, Olavo. 1994. Uma filosofia aristotélica da cultura. Rio de Janeiro: Instituto de Artes Liberais.

CARVALHO, Olavo. 1994. A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci. Rio de Janeiro: Instituto de Artes Liberais & Stella Caymmi.

CARVALHO, Olavo. 1996. O imbecil coletivo: atualidades inculturais brasileiras. Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade.

CARVALHO, Olavo. 1997. O futuro do pensamento brasileiro: Estudos sobre o nosso lugar no mundo. Rio de Janeiro: Vide Editorial.

CARVALHO, Olavo. 1998 [1995]. O jardim das aflições. Rio de Janeiro: Topbooks.



CARVALHO, Olavo. 2007. “A direita a serviço da esquerda”. In: Diário do Comércio, 09 de abril de 2007. Disponível em <http://olavodecarvalho.org/a-direita-a-servico-da-esquerda/> Acesso em 21 de junho de 2022.

CARVALHO, Olavo. 2007. “O Foro de São Paulo, versão anestésica”. In: Diário do Comércio, 15 de janeiro de 2007. Disponível em <http://olavodecarvalho.org/o-foro-de-sao-paulo-versao-anestesica/> Acesso em 21 de junho de 2022.

CARVALHO, Olavo. 2011. Maquiavel ou A Confusão Demoníaca. São Paulo: Vide Editorial.

CARVALHO, Olavo. 2012. “Porque a direita sumiu”. In: Diário do Comércio, 2 de março de 2012. Disponível em <https://olavodecarvalho.org/por-que-a-direita-sumiu/> Acesso em 21 de junho de 2022.

CARVALHO, Olavo. 2013. Visões de Descartes entre o gênio mal e o espírito da verdade. Vide Editorial.

CARVALHO, Olavo. 2014. “Extinguindo o inexistente”. In: Diário do Comércio, 11 de setembro de 2014. Disponível em <https://olavodecarvalho.org/extinguindo-o-inexistente/> Acesso em 21 de junho de 2022.

CARVALHO, Olavo. 2013. O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota. Rio de Janeiro: Record.

CARVALHO, Olavo de; DUGIN, Alexandre. 2012. Os EUA e a Nova Ordem Mundial. Campinas, SP: VIDE Editorial.

CASSIMIRO, Flávio. 2018. A Nova Direita – aparelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo. São Paulo: Expressão Popular.

CESARINO, Letícia. 2019. “Identidade e representação no bolsonarismo”. In: Revista de Antropologia. São Paulo, n. 62 (3).

CHALOUB, Jorge; LYNCH, C. E. C. 2018. “O pensamento político-constitucional da República de 1988: um balanço preliminar (1988-2017)”. In: HOLLANDA, Cristina Buarque; VEIGA, Luciana Fernandes; AMARAL, Oswaldo E.. (Org.). A Constituição de 1988: trinta anos depois. 1ed. Curitiba: Editora UFPR, v. 1, p. 251-280.

CHALOUB, Jorge; PERLATTO, Fernando. 2016. “Intelectuais da “nova direita” brasileira: ideias, retórica e prática política.” In: Revista Insight Inteligência, jan-mar., p. 25-41.

CHALOUB, Jorge; PERLATTO, Fernando; LIMA, P. L. 2018. “Direitas no Brasil contemporâneo”. In: Teoria e Cultura, v. 13, p. 9-22.

CHALOUB, Jorge. 2020. “A América Latina como outro: um discurso da direita brasileira”. In: Agenda Política, v. 8, p. 157-201.

COOPER, Melinda. 2017. Family Values: Between Neoliberalism and the New Social Conservatism. Nova Iorque: Zone Books.

FEDERICI, Michael. Eric Voegelin. 2011. A Restauração da Ordem. São Paulo: É Realizações.

FERREIRA, Gabriela Nunes. 2010. “A relação entre leis e costumes no pensamento político-social brasileiro”. In: Revisão do pensamento conservador: ideias e política no Brasil. São Paulo: Hucitec: Fapesp.



- FREEDEN, Michael. 1996. *Ideologies and Political Theory: A Conceptual Approach*. Oxford: Oxford University Press.
- GAHYVA, Helga. 2021. “Entre a Acomodação e a Intransigência: O Frei Visto por Freyre”. In: *Dados rev. ciênc. Sociais*, 64 (1).
- GARCIA, Bruno. 2021. “O Movimento Conservador Norte Americano E O 11 De Setembro”. In: *Locus: Revista De História* 27 (2):123-149.
- GUÉNON, Réne. 2011. *O Simbolismo da Cruz*. São Paulo: Irget.
- GUÉNON, Réne. 2013. *Le Règne de la quantité et les signes des temps*. Paris: Gallimard.
- HIRSCHMAN, Albert. 1992. *A retórica da intransigência: perversidade, futilidade, ameaça*. São Paulo: Companhia das Letras.
- HUNTER, J. 1991. *Culture Wars: The Struggle To Control The Family, Art, Education, Law, And Politics in America*. Basic Books, Nova York.
- KALIL, Isabela. 2018. “Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro”. In: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Disponível em: <https://www.fespsp.org.br/upload/usersfiles/2018/Relat%C3%B3rio%20para%20Site%20FESPSP.pdf>. Acesso em 30/01/2022.
- MERCADANTE, Paulo. 1965. *A Consciência Conservadora no Brasil*. Rio de Janeiro: Saga.
- MERCADANTE, Paulo. 2000. *A Coerência das Incertezas. Símbolos e Mitos na Fenomenologia Histórica Luso-Brasileira*. São Paulo: É Realizações.
- NASH, George H. 2006. *The Conservative Intellectual Movement in America Since 1945. (Thirteenth-Anniversary Edition)*. Wilmington: Isi Books.
- NISBET, Robert. 1987. *O conservadorismo*. Lisboa: Editorial Estampa.
- LILLA, Mark. 2016. *The Shipwrecked Mind: On Political Reaction*. Nova Iorque: New York Review of Books.
- LACERDA, Marina Basso. 2019. *O novo conservadorismo brasileiro*. São Paulo: Zouk.
- LYNCH, Christian Edward Cyril. 2017. “Conservadorismo caleidoscópico: Edmund Burke e o pensamento político do Brasil oitocentista”. In: *Lua Nova*, São Paulo, 100: 313-362.
- LYNCH, Christian Edward Cyril. 2020. “A utopia reacionária do governo Bolsonaro (2018-2020)”. In: *Revista Insight Inteligência*, n.º89.
- LYNCH, Christian Edward Cyril; CASSIMIRO, Paulo Henrique. 2021. “O populismo reacionário no poder: uma radiografia ideológica da presidência Bolsonaro (2018-2021)”. In: *Aisthesis*, no.70 (dec), Santiago.
- MANNHEIM, Karl. 1959. “Conservative Thought”. In: *Essays on Sociology and Social Psychology*. Londres: Routledge & Kegan Paul.
- PAIM, Antônio. 1978. *A querela do estatismo*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro.



PHILIPES-FEIN, Kim. 2011. "Conservatism: A State of the Field". In: *The Journal of American History*, Vol. 98, No. 3 (December), pp. 723-743.

REALE, Miguel. 1977. *Da Revolução à Democracia*. São Paulo: Editora Convívio.

RICUPERO, Bernardo. 2010. "O conservadorismo difícil". In: FERREIRA, Gabriela Nunes & BOTELHO, A.(org.). *Revisão do pensamento conservador: ideias e política no Brasil*. São Paulo: Hucitec: Fapesp.

ROBIN, Corey. 2017. *The Reactionary Mind: Conservatism from Edmund Burke to Donald Trump*. Oxford University Press.

ROCHA, João Cezar Castro. 2021. *Guerra Cultural e Retórica do ódio: Crônicas de um Brasil Pós-político*. São Paulo: Editora Caminhos.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. 1978. *Ordem burguesa e liberalismo político*. São Paulo: Duas Cidades.

SANTOS, Fabiano; TANSCHKEIT, Talita. 2019. "Quando velhos atores saem de cena: a ascensão da nova direita política no Brasil". In: *Colombia Internacional*, v. 99, p. 151-186.

SEDGWICK, Mark. 2020. *Contra o Mundo moderno - O Tradicionalismo e a história intelectual secreta do século XX*. São Paulo: Ayiné.

SHORTEN, Richard. 2022. *The ideology of political reactionaries*. Nova Iorque: Routledge.

SHORTEN, Richard. 2015. "Reactionary rhetoric reconsidered". In: *Journal of Political Ideologies*, vol. 20.

TEITELBAUM, Benjamin R. 2020. *War for Eternity: Inside Bannon's Far-Right Circle of Global Power Brokers*. Nova Iorque: Dey Street Books.

VAISSE, Justin. 2010. *Neoconservatism: The Biography of a Movement*. Cambridge: Harvard University Press.

VIANNA, Luiz Werneck. 1991. "Americanistas e Iberistas: a polêmica de Oliveira Vianna com Tavares Bastos". In: *Dados – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, Vol. 34, no 2, 1991.

VOEGELIN, Eric. 2012. *The New Science of Politics: An Introduction*. Chicago: University of Chicago Press.

WINK, Georg. 2021. *Brazil, Land of the Past. The Ideological Roots of the New Right*. Morelos: Bibliotopia.